O homem que não lia a página vinte

Alguns eventos trágicos da vida de Plínio aconteceram em dias em que ele havia lido a página vinte de algum livro. A coincidência sinistra obviamente não se revelou assim de pronto. Foi preciso observação cuidadosa, boa capacidade de raciocínio, além de um reconhecido dom de memorizar fatos associando-os a cores, números, sons e paladares.

A sua mãe, por exemplo, morrera enquanto Alice conversava com um camundongo. *"Talvez não compreenda inglês, pensou. Acho que é um camundongo francês, que veio com William o Conquistador (pois, com todo o seu conhecimento de história, Alice não tinha uma noção muito clara de quanto tempo fazia desde que um fato se passara). Por isso, começou de novo: Où est ma chatte?, que era a primeira frase de seu livro de francês".*

Corridos dois anos da fatalidade que lhe tomou a mãe, o seu pai fatidicamente se rendeu aos apelos para desenviuvar. Assinam-se uns papéis, lavra-se o feito em cartório e pronto: a morte deixa de agourar o estado civil de um homem. Coração de filho é que fica viúvo para sempre, e não há ato legal no mundo capaz de desorfanar uma criança. Com esse sentimento e sapatos desconfortáveis, Plínio atravessou o adro da capela, onde os convidados o cercavam com olhares de admiração frívola diante da engravatada figura de um menininho triste. Durante a cerimônia do casamento, num gesto ensaiado de rebeldia, o filho único do próspero viúvo simulava indiferença folheando as ilustrações de Jack Kirby. Exatamente na página vinte, o discurso do padre confundia-se com os diálogos de Lee: *"THE HULK HAS NO FRIENDS!", "NOW´S OUR CHANCE! GET ´IM!".*

Também a história da pequena Scout passava pela vigésima página no dia em que os médicos diagnosticaram o defeito que Plínio trazia no peito. Descobriram enfim que aquilo que a madrasta chamava de manha e preguiça era, na verdade, uma fadiga de natureza cardiopática. Isso bem explicava o ar rarefeito que encontrava ao chegar no topo da escada,

como se fosse ele um combalido montanhista a alcançar o Everest. Na sala de espera do consultório, Plínio lia as recordações da menina: *"Não lembro quando foi que as linhas que Atticus indicava com o dedo passaram a se dividir em palavras ... Eu não gostava de ler até o dia em que tive medo de não poder ler mais. Ninguém ama respirar".*

Já adulto, quando lhe anunciaram a obscura morte de Mabel, o volume clássico caiu de suas mãos ainda aberto na funesta página vinte, onde se lia uma inspirada consideração sobre a diversidade das plantas: *"como são diferentes as flores do amor-perfeito e como suas folhas são semelhantes; como diferem em tamanho, cor, forma e excesso de pelos os frutos das groselheiras e como suas flores apresentam apenas diferenças leves".* Fenecia assim a mais bela flor, o amor mais que perfeito, os lábios agroselhados dos quais ouvira as palavras mais doces. Ao noticiar a tragédia que lhe tomou para sempre o amor verdadeiro, os jornais, limitados à superfície dos contornos factuais, não mencionaram que morria naquele dia a melhor pessoa do mundo.

Das muitas tristezas vividas, esta última foi a que lhe causou maior perturbação. Mãe sempre se perde um dia — é o desamparo certo que todos adivinham tão logo nascem; e uma madrasta amarga não seria novidade completa para um menino acostumado às histórias de Perrault. Ademais, as doenças campeavam por todos os lares; logo, isso também não era algo que o diferenciasse dos demais. O que não lhe parecia certo, no sentido de "comum", era um jovem apaixonado perder a noiva para o vazio de um elevador dias antes do casamento.

Dessa tragédia ninguém o teria resgatado, não fosse a obstinada dedicação da mulher com quem se casaria ano e meio depois. Chamava-se Aurora e era de fato bonita como o nascer de um sol que cega e ofusca a dor. E Plínio precisava de sol, de mar, de outros pensamentos que não fossem os seus lamentos desprovidos de esperança. Ela abria as janelas do quarto quando ele se recusava a sair da cama, arrastava-o a dar voltas na praia, recusava-se a comer enquanto ele não se alimentasse, ouvia calada os palavrões que ele lhe dirigia, não

esmorecia e sempre voltava com um sorriso sedutor, como se não houvesse sido cem vezes escorraçada, cem vezes ultrajada com a força da amargura que o corroía. Nada havia — além do fato de ela não ser Mabel — que a desabonasse, nem mesmo a infelicidade de ser filha do primeiro casamento de sua detestável madrasta. Casaram-se e a vida seguiu seu curso habitual entre leituras e desgraças.

Foi somente após muitos outros livros e tantas outras desventuras — inclusive a morte do pai — que, enfim, num arroubo sinestésico, Plínio tomou consciência da inusitada correlação e passou a respeitar uma sequência de leitura mais segura... 18, 19, 21, 22... O método vinha provando-se eficiente e rendeu-lhe um largo período de calmaria. Além disso, nunca acontecera de tal estratégia, a de saltar uma página, ter impedido a compreensão de qualquer narrativa, mesmo as mais curtas — exceto por um período em que começou a cismar também com os múltiplos de 20, aborrecimento corrigido graças à sua prodigiosa memória, que descartou factualmente o temor descabido e o conduziu de volta à normalidade da vida em que apenas uma página precisaria ser evitada.

Sua precária tranquilidade, contudo, tinha data para acabar e marchava desavisada até os fundos de uma loja de antiguidades. Primeiramente o livro na estante empoeirada o impressionou mais pelo tamanho do que pelo assunto. Na ocasião, ocorreu-lhe que as 956 páginas de letras miúdas e língua estrangeira seriam um salutar desafio à sua disciplina. Custou uns míseros cruzeiros a obra que abalaria todo o seu sistema místico-literário. Mais de mil laudas, concluídas com esforço estoico, demonstravam-se agora insuficientes para elucidação da trama.

“Quem é o assassino?!” Relia incrédulo a última página do romance policial em busca da resposta que havia de coroar o seu esforço. Nada! Retrocedeu a leitura por mais dez páginas, depois mais trinta, depois mais cinquenta, e o mistério manteve-se intocado. “Por Deus! O assassino é ele ou ela?” Voltou ao início do livro, folheou-o à procura dos trechos

mais importantes, rendendo-se até a umas notas de rodapé enfadonhas que antes havia ignorado — embora incrédulo de que a autora fosse capaz de tal cinismo. Já cansado da infrutífera investigação, levou para o travesseiro a inquietação com a qual acordou no dia seguinte. “O assassino é ele ou ela?” Infelizmente não poderia saber, pelo menos não antes de ler a assombrosa página vinte.

Embora não fosse seu costume, seria razoável se dar por vencido nesse caso. Tantos livros por ler na estante que, de tão alta e frondosa, ganhara até uma escada deslizante para dar acesso à copa dos livros-fetiche, obras que dificilmente seriam lidas nem doadas a quem pudesse delas fazer melhor proveito. Em vão começou a leitura do aguardado exemplar da “Anatomia comparada dos ramos de espécies do gênero Vochysia”, pois o mistério não desvendado rondava-lhe a cabeça como um agouro prestes a desfazer a trégua dos infortúnios. Sem compreender o desfecho da história, seu coração descompassava e sua mente dava voltas em um mundo que não lhe parecia mais seguro.

Passaram-se semanas de contínuo tormento. “Que loucura a minha! É apenas um livro”. Com o propósito de se desvencilhar daquela ideia, procurou distração com os poucos amigos, cedeu aos apelos da esposa para um fim de semana na praia, revisitou o psicanalista há tanto tempo esquecido, pôs em dia os exames solicitados pelo cardiologista, mas nada nem ninguém dissipava a angústia daquela situação.

“E se eu relesse meu romance favorito?” Agarrou-se ao livro como a uma boia no mar e parecia finalmente absorto pela leitura quando uma passagem o fez rir de si próprio: “*pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volantim que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te*”. Desta feita, identificando-se com o protagonista, Plínio voltou sem demora à realidade do seu delírio.

“E se eu tentasse outra edição?” A busca por uma paginação diferente também foi infrutífera. Tratava-se de obra rara, publicada em edição única, em alemão. Não encontrou ninguém que a houvesse lido no seu amplo círculo de colegas intelectuais. Fato é que, mesmo se tivesse conhecido uma tal pessoa, recusaria a ajuda, é claro! Não se sujeitaria a tomar estrada percorrida pelo público. Saber por intermédio de outro feriria o seu orgulho, seu zelo, o pudor de quem havia escalado 955 andares de um arranha-céu particular. Pensou depois que tinha sido melhor assim; não seria prudente trapacear com o universo.

A mulher desse leitor tão singular — aquela que ocupava então o lugar impreenchível de Mabel, a quem se igualava apenas em beleza — buscou de diferentes formas resgatá-lo da loucura e da derrocada financeira que, a despeito do patrimônio respeitável deixado subitamente pelo sogro, poderia atingi-los ainda tão jovens. Numa dessas tentativas, escreveu um prefácio sem muita técnica e imaginação e o incluiu na numeração das páginas, o que amadoramente deslocou o fragmento revelador para a página 22. Com a “reedição caseira” em mãos, Plínio mal pôde agradecer o presente e a manobra inútil de Aurora, tamanho era o seu horror ao ver o número dois forçosamente encobrindo o inescapável zero.

Exasperou-se a recusar que lhe lessem o trecho em voz alta, que lhe dessem pistas, que lhe reproduzissem a impressão do romance ou mesmo que sugerissem a ele qualquer outra leitura. Estava empacado, impossibilitado de enfrentar novos livros ou fazer qualquer coisa. A única solução seria reler, a esse tempo pela sexta vez, as 955 páginas a fim de encontrar detalhes incógnitos ou anteriormente subvalorizados.

Nessa missão, transformou a biblioteca num laboratório de abstrações confusas e conjecturas desencontradas. Fazia esquemas incompreensíveis, setas, intersecções, legendas, anotação de nomes e datas, disjunções lógicas e exclusivas, fórmulas febris com quantificadores universais, considerações semióticas, gráficos de redes sociais e isto e mais aquilo... Nenhum resultado, entretanto, parecia elucidar inequivocamente o autor da morte de

Horst Scheuer. Depois de descartar inclusive a hipótese de a escritora ter sido propositadamente ambígua, enfureceu-se de vez: “Maldição! O assassino ainda pode ser ele ou ela!”

Foi então que a exausta espectadora daquele desatino se convenceu a levar adiante o seu plano controverso. Escreveu uma carta ao marido forjando caprichosamente tanto o conteúdo quanto o remetente. O envelope traria o nome de um habitual correspondente de Plínio, um biólogo que corria o Brasil dando nomes latinos a plantas já batizadas pelos índios — além, é claro, de selos condizentes com a região da fictícia postagem, carimbos e tudo o mais que garantisse veracidade à solução epistolar para o embaraço social que tomara conta da sua vida. Cuidou também que a correspondência fosse trazida pelo carteiro, como convém a uma remessa honesta; planejou o horário em que o destinatário costumava estar mais receptivo a distrações do cotidiano e saiu de casa a pretexto de comprar uns discos novos.

Ainda um tanto a contragosto, Plínio deu início à leitura da carta recém-recebida. Não demorou muito, pouco mais de duas linhas, para que ele compreendesse o que de fato tinha em suas mãos. Irrompeu a chamar a dissimulada mulher cuja caligrafia adivinhou sob forçoso disfarce, disposto a meter-lhe goela abaixo o papel que agora o enfeitiçava... mas... nada... não conseguia parar de percorrer os olhos pelas linhas libertadoras; cada palavra pronunciando discretos movimentos na chave que o enclausurava. Pavor e excitação disputavam o oxigênio que começava a lhe faltar. Sem dar por isso, continuava caminhando enquanto os olhos não desgrudavam da folha, como se não precisasse enxergar o que vinha pela frente. Assim atravessou dois cômodos até congelar no centro da sala. Formou-se-lhe, nesse instante, uma imagem mental inédita, algo semelhante a um holograma de múltiplos eventos conectados. Seus dedos cobriram de súbito a boca, as sobrancelhas ficaram arqueadas e depois franzidas, até que o rosto inteiro se iluminou numa explosão de ideias perfeitamente consistentes e definitivas.

Quando o seu corpo tombou convulsionado sobre a mesinha de vidro e sobre a confusão de papéis amontoados nela, o mundo havia cessado todas as suas melodias coloridas, todos os seus palatáveis perfumes. A empregada foi quem o encontrou uma hora depois, contorcidamente estático, com os punhos fechados sobre o coração e a superfície de letras amassadas. Ele esboçava um quase sorriso congelado. Descobrira, enfim, que a assassina era ela.